

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 10 Março 2010**

Texto de referência:

L. Giussani, É possível viver assim?, Vol. 3. Tenacitas, pp. 28 a 32;

- Canto “Un uomo cattivo”
- Canto “Amazing grace”

Começamos hoje o ponto «Perfeitos como o vosso Pai», mas, para nos ajudarmos a fazer esta passagem, paremos um momento para tentar ligá-lo ao ponto precedente, porque não podemos deixar para trás aquilo que dissemos, de forma a que, como que por pressão osmótica, possamos entrar no Mistério de Cristo. Queria principalmente sublinhar estas coisas que *don* Giussani diz quase *en passant*, quase sem que nos demos conta, porque são estas as passagens onde se vê a alma de *don* Gius através da qual passa o seu testemunho para nós, porque só uma humanidade assim se deixa tocar como ele; está na Bíblia para todos, parece absolutamente banal, mas porque é que não nos damos conta? Por isso, identificarmo-nos com aquela modalidade com que ele se deixa tocar é como ser gerados, é deixarmo-nos comover: «Porque é que Deus se dedica a mim? [...] Porque é que, para além do mais, se faz homem e se dá a mim para me tornar de novo inocente [...]? [...] Porquê este dom de si até ao extremo concebível, para lá do concebível?». Nós passamos por cima destas frases, mas é aí que *don* Giussani exprime o impacto, porque é assim que ele se deixa tocar pela frase de Jeremias que nos convida a aprender de cor: «Amei-te com um amor eterno, por isso te atraí a mim tendo piedade do teu nada»; podemos dizer esta frase sem nos deixarmos tocar, tal como tantas vezes olhamos os outros sem nos deixarmos tocar, mas o amor que o Mistério nos testemunha é este sentimento que tem dentro uma razão, que é expressão de uma razão: «Comovo-Me pelo teu valor, comovo-Me pelo teu nada, mas este teu nada é para Mim tão precioso». Continua *don* Gius na página 23: «Esta piedade [...] é bonito descobri-la no Evangelho. Por exemplo, quando – diz-se por duas vezes – numa noite [Jesus] vê a sua cidade, da colina, e chora sobre ela [...]. Aquela cidade ia matá-lo daí a duas semanas, mas a Ele isso não lhe importava». E depois diz como se comoveu diante daquela mulher que ia sepultar o seu filho «“Mulher, não chores”, o que era uma coisa inconcebível; já para não dizer que estava entre o ridículo e o absurdo. Como é que se consegue dizer a uma mulher que segue o caixão do filho naquelas condições: “Não chores”? Era o transbordar de uma piedade, de uma compaixão». Sem experimentar este transbordar de compaixão nós não sabemos qual o verdadeiro significado daquilo que o Evangelho exprime. Pensamos perceber porque somos presunçosos, racionalistas... Não, não percebemos. Quando é que se vê se percebemos? Quando reacontece; por isso, como é diferente fazer a escola de comunidade e lê-la pensando que a percebemos ou fazer a escola de comunidade vendo se reacontece (e então uma pessoa não pode passar por cima, como tantas vezes fazemos, porque isso quer dizer que permanecemos na superfície daquelas palavras e depois vê-se que não muda nada)! Sobre o Zaqueu, a quem Jesus diz «Desce, vou a tua casa», *don* Giussani comenta (basta uma frase para exprimir toda a sua comoção): «Mas uma ternura destas entre nós não é possível»; a que distância estamos disto! Ou então Lázaro: o pranto por um amigo que morre; só quando nos identificamos com isso podemos perceber que a caridade de Deus pelo homem é esta emoção, esta comoção: «Eis a questão: Deus comoveu-se com o nosso nada»: ele repete-o para nos ajudar a perceber, sai-lhe do coração: «Quem é o homem para que dele Te recordes?». O ponto máximo é quando diz que não apenas se comove com o nosso nada, mas até com a nossa mesquinhez: «Tive piedade do ódio que Me tens. Comovi-Me porque tu Me odeias, o teu ódio não pode evitar a comoção, toda a tua aversão a Mim não é capaz de destruir, de vencer toda a comoção que sinto ao olhar para ti, ao olhar para o teu destino». Esta comoção não é um sentimento, mas é um juízo: um sentimento que carrega dentro a sua razão: «Devido à

estima que tenho pelo teu nada, comovo-Me». E como é que *don* Gius explica isto? Afirmando que «o bater do coração é a piedade do teu nada!» Olhem que esta não é a premissa lógica (como tantas vezes a usamos nós: «Já sei isto e aplico-o»): isto é a imersão numa vida até que se torne nossa. Porque se eu não me comovo, isso quer dizer que eu não sei; e se não me comovo, não se comunica a mim, e toda a dificuldade posterior nasce daqui. Aquilo que *don* Giussani nos diz fez-se realidade em Cristo, portanto não há outro olhar sobre nós, seja o que for que tenhamos feito; porque Ele chora de comoção até pelo nosso ódio, e não há outro olhar verdadeiro com que possamos olhar-nos que não seja este. Se me olho de outro modo, faço-o com um olhar velho, com um olhar que já não existe, porque desde que entrou este olhar no real, já não há realidade que não tenha dentro um olhar assim; devemos actualizar o nosso ficheiro, como costume dizer; o outro já não existe, esse modo é velho, é como um mapa sem a América depois da descoberta da América, não existe! Isto é exactamente o que devemos ajudar-nos a perceber: «A palavra caridade indica a própria natureza de Deus», ou seja, que Ele se dá a Si mesmo com esta comoção em relação a nós. Como é que isto se torna nosso? Só Deus rompe esta estranheza. Escreve-me uma pessoa: «Na página 30 de *É possível viver assim?* (quase no fim) *don* Gius diz: “É porque este Cristo existe que já não há nenhum homem que não me interesse”. Queria que me explicasse melhor esta passagem: de Cristo para os homens. Tenho dificuldade em perceber como é que o acto de misericórdia em relação a mim me leva a interessar-me por cada pessoa». Esta é a passagem, e eu deixo-a em aberto, porque é isto que devemos testemunhar uns aos outros: como é que esta passagem acontece?

Aquilo que dizias aconteceu-me exactamente no outro dia.

Perfeito. É aquilo que espero, é a intervenção justa.

Na página 31 diz: “: «Um parêntesis: não existe apego a si mesmo se não for cheio de comoção. A comoção une, mantendo separado». Quando li este excerto disse: «Sim, o discurso habitual, coloca-te a um passo de distância, etc...» interpretei-o cinicamente de uma forma literal, como se dissesse: «Mas, está bem..., sim..., esta coisa eu já a sei muito bem, estou no movimento há centenas de anos». Mas depois, foi como se o Bom Deus me tivesse dito: «Não, volta atrás», e, então reli, e Ele fez-me tomar consciência desta quotidianidade que está a acontecer na minha relação com o meu filho mais velho que tem dezasseis anos, e estou a dar-me conta que o meu filho está a crescer como pessoa, sendo que até há bem pouco tempo era uma criança. Para mim é mesmo comovente ver como às minhas perguntas, ao meu desejo de ser amada, de amar, de bem, de beleza, de verdade, esta coisa está a torná-lo mesmo mais próximo, interessante.

Convém-te que cresça.

Até porque para mim é fascinante, interessante, de facto quando don Giussani fala da comoção pensei: “Bolas, é a experiência que estou a fazer com ele”, mas depois diz: “A comoção une, mantendo separado» e aqui...

E a mamã, aqui,...

Eu parto da provocação da vez passada quando dizias que a caridade faz pensar automaticamente em fazermos caridade aos outros. À primeira vista disse: «Que acertado, é isso mesmo, eu sou assim»; na realidade com esta provocação dentro, olhando aquilo que acontece não é assim; dou um exemplo: acontece-me que por uma situação familiar tenho de assistir uma pessoa e quando faço aquele gesto eu fico cheia de uma ternura tão profunda, que percebo no fundo de mim que eu é que sou objecto de um gesto de caridade e isto é mesmo aquele “antes” que acontece.

Obrigado.

Pela primeira vez na minha vida não percebi este distanciamento, é usado num sentido que eu não encontro na minha experiência, porque se penso na experiência que estou a viver com ele, é contrária, ou seja, emociona-me, interessa-me, vou ver as coisas que faz, questiono-o, coisa

que nunca tinha feito antes, ajudava-o, por caridade, não é que lhe tenha faltado alguma coisa, mas, agora, se tu me falas em “distanciamento”, “estar a um passo de distância”, é a última coisa que penso que exista neste momento na minha relação com ele, e o mesmo em relação às coisas que me apaixonam.

Tu parte da experiência que fazes e depois pensamos no termo “distanciamento”. O facto que tu comesças a ver que ele é diferente de ti, que é um outro, implica um distanciamento (isto é, que tu o deixas crescer)?

Sim.

Sim. Este é o significado do termo, basta observar aquilo que te acontece. Tu espantaste-te com qualquer coisa que estava a acontecer e que começaste a ver como qualquer coisa de positivo: este sobressair da alteridade do filho, porque esta alteridade não é uma coisa de menos para ti, é antes um mais, tinhas um interlocutor que começavas a perceber que estava a sobressair/ crescer, mas para isto era necessário dar-lhe espaço, não o sufocar, não continuar a pensar que tem 10 anos, não continuar a asfixiá-lo. A isto chama-se distanciamento. Podes usar outra palavra que te agrade mais, mas é isto.

Tratou-se de fazeres experiência, tanto é verdade que te impressionou e a percebeste como um bem, isto é amar o destino do teu filho. Como diz *don Gius*, desde o dia em que nasceu que começou a distanciar-se, agora começa a adquirir verdadeiramente uma alteridade, não apenas fisiológica (que já existia), mas como um “eu”.

Eu sou enfermeira e esta semana aconteceu-me encontrar uma senhora de 50 anos, que deu entrada no meu serviço, que tem uma distrofia muscular e pela qual está destinada a permanecer paralisada e a não respirar sozinha, e ela, já no primeiro dia em que entrou, me tinha agarrado o braço e tinha-me dito: “faz com que eu morra”, numa destas noites chamou-me pela campainha porque não conseguia estar deitada, não parava quieta, pois tenta sempre arrancar o oxigénio porque quer morrer. Como não queria dormir, eu estive um pouco com ela e ela contou-me a sua vida: «Tive três maridos, mas, ainda assim, não encontrei o certo» e depois continuava a dizer-me «quero morrer, quero morrer, mas porque é que não me fazem morrer?» Eu perguntei-lhe: «Por que é que quer morrer?» respondeu-me «Porque estou presa num corpo, eu quero conhecer, quero conversar com as pessoas e, contudo, estou aqui presa num corpo que não me permite fazer aquilo que desejo».

Impressionou-me, porque eu do seu desejo comovi-me por ela (que não é uma coisa que me aconteça sempre diante dos meus doentes), pelo seu desejo de conhecer. O que aconteceu depois foi que eu disse-lhe: «Repare que ainda tem muito para descobrir, na sua vida ainda há muito para descobrir» e a senhora, olhando-me, desafiando-me, dizia-me «Mas quem sou eu para ti?. Não sou tua mãe, não sou tua parente, tu tens de me dizer quem sou eu para ti». Naquele momento tomei consciência que aquela senhora era alguém para mim porque eu, mesmo só pelo facto de me ter comovido pelo destino dela, tomei consciência, mais uma vez, que era a Sua iniciativa sobre mim.

Tu comoveste-te pelo destino desta Senhora, isto é aquilo que corresponde, esta é a nossa experiência da natureza de Deus como comoção, todo o nosso mal, toda a nossa fragilidade não pode evitar, em certos momentos, que nos comovamos pelo destino de um outro, até mesmo nestas condições.

Eu tenho uma empresa de construção juntamente com mais três amigos. Há uns tempos demos trabalho a umas pessoas. Estas fazem o seu trabalho e nós pagamos ao patrão delas. Passado alguns dias os trabalhadores, representados por aquele senhor, telefonam-me e dizem-me que devo pagar-lhes. Eu respondo «Já pagámos ao vosso patrão», eles não acreditavam e continuaram a telefonar-me por uns dias e, então, eu disse-lhes: «Venham ao escritório, reunimo-nos com o meu sócio e explicamos-vos a questão».

Resumindo estes trabalhadores tinham sido burlados pelo patrão deles (e mesmo que tivessem apresentado uma denúncia ter-se-ia voltado contra eles, pois deveriam eles pagar uma multa). Estavam a levantar-se para se irem embora, quando o meu sócio lhes disse: «Esperem. Nós não vos deixamos sozinhos. Não é justo que vos paguemos o mesmo trabalho duas vezes, mas tenho a possibilidade de vos dar trabalho, por isso trabalhem para mim». Então, eles, a chorar, disseram: «Não existe gente como vocês, que age assim». E eu respondi-lhe: «Não é verdade que não existe, existe, existe e como, poderia fazer-te uma longa lista, porque se nós temos este critério de trabalho, esta forma de estar no mundo, é porque aprendemos de outro que nos tratou assim e que nos trata assim». Quando se foram embora, eu fui ter com o meu sócio e disse-lhe: «Tens noção do que acabaste de fazer?». Impressionou-me que no final do texto que nos dissesse para ler para esta noite, na página 32 don Gius relembra a Madre Teresa: «Pode existir!» (não é uma pergunta, pois tem o ponto de exclamação). «Pode existir!». Basta que um olhe da mesma forma como foi olhado ele e em consequência reage assim, por esta caridade que antes de mais lhe aconteceu a ele.

Esta noite devemos perceber o passo que don Giussani dá para responder a esta pergunta: como posso eu ser perfeito como o nosso Pai é perfeito? Dissemos numa das escolas de comunidades anteriores que: “Não projectos de perfeição, mas olhar Cristo cara a cara”; não é que agora mudamos de registo e dizemos: “devemos ser perfeitos como o Pai é perfeito”, e voltamos para casa como se tivéssemos mudado a palavra de ordem (e um tempo depois “enlouquecemos”, porque não percebemos o nexos). Deste ponto de vista, diz don Giussani «“Sede perfeitos como o vosso Pai é perfeito”. Perfeito como o nosso Pai: mas quem é que é capaz disso? Como recomendação é insensata, como recomendação produz o contrário: o medo».

Conto o que me aconteceu na última Escola de comunidade e que me acontece em todos os âmbitos que depois dificilmente chego a comunicar. Quando leste as palavras do Papa e dissesse: “Permanecei no meu amor”, eu estava satisfeita e livre enquanto o dizias, não depois e não porque aquelas palavras davam-me uma indicação de como fazer, ou seja, que bastava permanecer, mas porque estava a escutá-las, porque as ouvia, e nem sequer se tratava de uma instrução em relação a algo que teria que fazer, o motivo pelo qual estava feliz não era que tenho de permanecer, mas que basta permanecer no Seu amor, mas essas palavras (“permanece”) eram as palavras de Jesus que eu me ouvia dizer naquele momento, que saíam da boca de uma pessoa que existe e que portanto eu e quem quer que seja em qualquer momento, em qualquer estado, podemos encontrar. Não somos nós que geramos o acontecimento, a nova humanidade não é algo que nos toca fazer, a única coisa que nos toca fazer é sermos simples e vivermos a nossa necessidade humana até ao fundo. Mas então há algo que me toca fazer?

O que é que depende de mim? Porque é que a minha experiência é que aquilo que sou não depende minimamente de mim, mesmo o viver até ao fundo a minha necessidade humana, quando me acontece, é uma coisa que eu não me dou a mim mesmo. Ou seja, nem sequer o meu empenho é algo que gero eu, mas é-me dado sempre como um dom, realmente, e isto não vejo só para mim, mas olho para os outros assim. Por exemplo, diante de uma pessoa que está completamente fechada na vida, que manifesta um ódio em relação a quem o ama ou que nunca cede por um instante à beleza daquilo que acontece, não basta dizer: “permanece”, ou; “só precisas de permanecer”, ou: “basta viveres até ao fundo a tua humanidade”, dizendo-lhe como uma instrução, como algo que se deve fazer, porque ela não tem qualquer intenção de permanecer e de mudar, não é capaz, é preciso que aconteça o milagre de que Jesus o toque, que o tome com Ele e eu não posso olhar para ele, graças a Deus já não olho para ele, com a ideia de que ele deva fazer algo que não saber fazer, tal como eu também não sei, seria como dizer a um doente: “cura-te a ti mesmo”, mas é Jesus que deve tocar nele e curá-lo. Portanto, a minha relação com o Mistério é apenas uma invocação: que ele venha, como de facto vem

(porque depois quando vem é a única coisa que me dá paz e felicidade). Quando eu digo: “Eu sou Tu que me fazes”, digo literalmente isto. Tem piedade do meu nada: nada é mesmo nada, e não alguma coisa.

Um momento, convém-nos retomar algumas coisas, porque o que disseste é absolutamente verdade: o que estamos a afirmar é esta precedência da Sua acção sobre qualquer outra coisa. Aquilo que referiste sobre a última Escola de comunidade é o acontecimento disto, não são instruções de utilização que depois aplico, acontece em simultâneo e por isso é verdade que nós não geramos o Acontecimento, mas somos de tal modo envolvidos nele que não nos damos conta. Aquilo que é preciso percebermos hoje da intervenção que fizeste é que tu não podes evitar que isso aconteça, mas é preciso que tu o acolhas: esta é a simplicidade. Eu posso oferecer-te um presente e o presente é totalmente teu, é totalmente graça, mas eu não o posso aceitar por ti; é um exemplo banal (porque o presente fica fora de ti, enquanto que o Acontecimento acontece em ti), mas está sempre em jogo a liberdade, ainda que sejamos facilitados pelo facto de que é precisamente o sinal que acontece que me facilita a liberdade, tanto assim que responder sim é graça, é provocado por este facto que é totalmente gratuito. É por isso que a Escola de comunidade diz que a gratuidade é “como que o reflexo da gratuidade da minha graça”: reflexo, mas nós devemos acolhê-lo, isto é aquilo que o Evangelho chama de “simplicidade” ou pobreza de espírito”, chama-o como o quiseses, é aquilo que Jesus pede constantemente porque para podermos participar disto – Ele está tão consciente, como tu disseste, que tudo é graça – a coisa que devemos fazer é acolhê-Lo.

É que esta simplicidade, muito sinceramente... Durante muito tempo fui da opinião que ela tivesse necessidade de mim.

Tem necessidade de ti!

Mas, se posso dizer, no tempo nem uma vírgula vem de mim, nem dos outros...

É verdade, mesmo a resposta livre nasce desta graça, mas é a minha resposta e por isso não podemos deixar de fora este aspecto porque de outro modo é mecanicista, de outro modo é como deixar de fora a tua colaboração, por mais pequena que seja, por mais gratuita que seja pois nasce da comoção, da Sua graça, mas é tua, sem isto não se torna nosso e isto é importantíssimo não deixares de fora, porque até a simplicidade é dada, mas no sentido de que move o teu eu para a reconheceres. O poder da Sua graça demonstra-se precisamente porque Cristo te a dá através de ti, através do teu “sim”, e isto é o máximo, percebes? Implicares-te a ti mesma naquela graça para seres salva! Por isso a minha invocação é pedir esta simplicidade, de outro modo, porque precisas da invocação?

Preciso da invocação para que aconteça. Preciso da invocação para que aconteça.

Para que aconteça e para que tu reconheças.

Hoje temos a sorte de ter aqui o padre Aldo; não posso deixar de convidá-lo a falar sobre a sua experiência, como este olhar, como esta caridade do Mistério para connosco se tornou sua também.

Antes de mais, obrigado. Estou comovido porque o maior milagre da minha vida, todos os dias, coincide com a graça que vocês têm de tomar seriamente, palavra por palavra, tudo quanto nos diz Carrón. A Cleuza e o Marcos diziam recentemente a alguns amigos que lhes perguntavam por que é que iam ao Paraguai: «No Paraguai não há nada bonito, é tudo feio, não há nada pior no mundo: moribundos, doentes de Sida, prostitutas, travestis, crianças violentadas, vagabundos». «Então para que é que vão?». «Vamos para aprender um olhar», que é o olhar de Cristo a Madalena, de Cristo a Zaqueu, de Cristo à Samaritana. Este olhar para mim possui um ponto seguro, sobre o qual deixou de haver dúvidas há muitos anos: «Eu tenho a certeza de ser amado instante a instante tal como sou». A coisa mais trágica da vida é a incerteza afectiva, porque a certeza afectiva é que sustenta a vida, e a certeza afectiva para mim é que «eu sou Tu que me fazes», que os cabelos da minha cabeça estão todos contados, palavras que na América Latina vão desde o Panamá à Terra do Fogo. Olhar-me com os olhos

do Tu, olhar a minha humanidade com a mesma modalidade com que o Ser me olha; e o Ser olha para mim assim, mesmo quando estou danado, quando estou mal; isso torna-se mais um motivo, porque não existiria a irritação e o mal-estar sem a minha humanidade; portanto o mal-estar, a doença, o cancro, a depressão tornam-se um motivo para afirmar: «Eu sou Tu que me fazes», porque estes factores pertencem à minha humanidade. E isso faz-me comover, porque, mesmo diante da minha doença ou dos meus doentes, pensem no que quer dizer: «O Senhor chamou-me do seio materno, pronunciou o meu nome antes de conceber-me no seio da minha mãe, com amor eterno me amou, teve piedade do meu nada». Palavras que Carrón nos repete continuamente e que são como o leitmotiv de todos os minutos da minha vida e da vida dos meus amigos; percebam que não há aspecto da vida que seja negativo, por isso os meus doentes morrem sorridentes, porque o ponto da questão é este olhar cheio de ternura; isto para mim é o início da caridade. O segundo passo é que este eu comovido pelo Mistério encontrei-o visível em Cristo; como posso eu ser perfeito como o Pai? Tenho um critério: olhar para Jesus, como Jesus vivia, como Giussani me abraçou, como Carrón me olha, é um critério muito concreto, preciso, em virtude do qual o «Tu que me fazes» se torna Tu, Cristo. É por isso que com a Cleuza e o Marcos retomamos desde há uns meses a homilia de Carrón no funeral de Pontiggia quando dizia: «Quem és Tu, ó Cristo?». Esta pergunta crucial está a repercutir-se a cada instante, mas não com uma resposta imediata, porque a resposta não vai terminar nem sequer no Paraíso, se não nos cansarmos; poderemos sempre perguntar: «Quem és Tu, ó Cristo?». E depois há a ternura de Deus; são os dois pontos sobre os quais estamos a trabalhar com afinco porque no poder dizer «Tu, Cristo» nasceu tudo, nasceu a certeza que me faz pôr de joelhos diante de cada doente e beijá-lo, não porque os vermes não me metam nojo, não porque a carne a cair aos bocados não me provoque vômitos, não porque eu seja mais corajoso que vocês, não, mas é porque aquela carne putrefacta é Cristo que sofre, é Cristo que palpita, é Cristo que vive, e quando tu vês Cristo não podes deixar de abraçá-lo, não podes deixar de beijá-lo; e assim também a capacidade de beijar ou de limpar os vermes passa a ser cheia de letícia, porque se torna um gesto de gratuidade: limpas os vermes a Cristo. E um Deus comovido pela minha humanidade torna-se um eu comovido diante de cada homem, em especial destes despojos humanos, porque eu devo fazer companhia como Cristo mas faz a mim, porque Cristo não me abandona nem um instante, percebem? Cristo é um encontro marcado comigo permanente, está permanentemente ao pé de mim, não me diz: «Vem cá amanhã», não, está aqui presente agora, e o sinal mais belo deste dom comovido de mim é a letícia (ou seja, tudo para mim se torna amigo). Então aos lamentos substitui-se o espanto, a minha impotência, a distância é preenchida pelo Mistério, no fundo eu não sou dono de nada, se o Mistério quer isto quer dizer que é o melhor, e tudo começa pelo eu, pelo meu eu como certeza de ser amado. Eu pergunto-me como alguém pode duvidar – diz a Cleuza –, como pode alguém ter dúvidas? Como pode alguém ter dúvidas perante as crises, perante o cancro, como pode não sentir que até mesmo isso é o modo como Deus me ama, mesmo não dormir é o modo como Deus me diz: «Eu estou aqui ao pé de ti, estou acordado contigo»? Por isso a minha humanidade é seduzida, como diz Jeremias: Deus seduziu-me e eu deixei-me seduzir. Que espectáculo! Em cada aspecto da minha vida, eu fui escolhido, eu sou Tu que me fazes, os cabelos da minha cabeça estão contados: «Quem és Tu, ó Cristo?», dizia-nos Carrón; desde Novembro que continuamos a repetir uns aos outros «Quem és Tu, ó Cristo?» cada vez que nos vemos. «Quem és Tu, ó Cristo?» em cada coisa, diante de cada detalhe. Esta é a caridade que vivo.

Agora compreendem por que don Giussani pode dizer: «O primeiro objecto da caridade do homem chama-se Jesus Cristo»! Esta é a passagem do Antigo ao Novo Testamento: Deus para fazer-nos Seus, para fazer-nos ser como Ele, não dá apenas o manual de instruções que são os Mandamentos, mas fez-se Homem, para magnetizar toda a nossa afeição por Ele. «Quem és Tu, ó Cristo?» por isso o primeiro objecto da caridade é sermos magnetizados por esta caridade Sua, de Cristo; é só o permanecer, de que antes falávamos, é o permanecer

nisto, é o permanecer apegados a este Tu. E aquele que O tenha encontrado não pode evitar ser atraído, seduzido. É daí que vem tudo, tudo o resto é um desenvolvimento disto, mas nós, da caridade de Deus, não passamos a amar assim senão através de Cristo; não é nós lermos as instruções ou lermos o que é a caridade e... Não! *Don Giussani* faz esta passagem, que é a que Cristo fez; a primeira coisa que aconteceu aos discípulos não foi serem caridosos para com os outros, a primeira coisa que lhes aconteceu foi ficarem fascinados com Cristo, o primeiro objecto do amor deles, da caridade deles, foi Cristo, e daí nasceu tudo o resto. Por isso, não podíamos terminar sem fazer esta passagem conscientemente: «Amar Cristo e, n'Ele [porque fomos arrebatados, seduzidos por Ele], ou seja, à maneira d'Ele, os irmãos». Então Péguy fala de «encontrar neles como que uma certa gratuidade que seja como o reflexo da gratuidade da minha graça». E *don Gius* termina perguntando-se: qual é a fonte desta comoção? «A fonte desta comoção, em Cristo como em mim próprio, é o Espírito de Cristo». O Espírito Santo é Aquele que temos de invocar, pedir. Por isso, quando *don Gius* nos manda dizer: «*Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*», está a convidar-nos a pedir isto. Porque, como dizíamos da outra vez lendo o Papa, «“Amai-vos como eu vos ame” [...] Não é um novo mandamento; o mandamento de amar o próximo como a nós mesmos existe já no Antigo Testamento. Alguns afirmam: “Tal amor deve ser ainda mais radicalizado; este amar o outro deve imitar Cristo, que se entregou por nós; tem de ser um amar heróico, até ao dom de si mesmo”. Neste caso, porém, o cristianismo seria um moralismo heróico». Assim, com as mesmas palavras do Evangelho podemos alterar a natureza do cristianismo, com as mesmas palavras, com os mesmos ingredientes cozinhar uma sopa diferente. «É verdade que devemos chegar a esta radicalidade do amor, que Cristo nos mostrou e concedeu [é verdade, esta é a finalidade: fazer-nos participar a nós mesmos da própria natureza de Deus], mas também aqui a verdadeira novidade não é quanto fazemos nós, a verdadeira novidade é quanto fez Ele [...] a novidade é o dom, o grande dom, e do dom [...] o novo agir. São Tomás de Aquino diz isto de maneira muito precisa quando escreve: “A nova lei [não é um mandamento mais radicalizado, mais complicado de cumprir] é a graça do Espírito Santo. A nova lei não é outro mandamento mais difícil que os outros: a nova lei é um dom, a nova lei é a presença do Espírito Santo”». O Espírito é a modalidade com que Cristo entra na nossa vida até à medula, fazendo-nos ser verdadeiramente Seus.

• *Glória*

(Tradução não revista pelos intervenientes)